



República Federativa do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Roberto Rodrigues
Ministro

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

Conselho de Administração

Luis Carlos Guedes Pinto
Presidente

Silvio Crestana
Vice-Presidente

Alexandre Kalil Pires
Ernesto Paterniani
Hélio Tollini
Marcelo Barbosa Saintive
Membros

Diretoria-Executiva

Silvio Crestana
Diretor-Presidente

Tatiana Deane de Abreu Sá
José Geraldo Eugênio de França
Kepler Euclides Filho
Diretores-Executivos

Embrapa Roraima

Antonio Carlos Centeno Cordeiro
Chefe Geral

Roberto Dantas de Medeiros
Chefe Adjunto de Pesquisa e Desenvolvimento

Miguel Amador de Moura Neto
Chefe Adjunto de Administração



*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro de Pesquisa Agroflorestal de Roraima
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

*ISSN 0101 – 9805
Dezembro, 2006*

Documentos 02

Agronegócio da Banana em Roraima

Admar Bezerra Alves

Ailton Rosa Santana

André D'Arce Cerri

Cássia Cristine Caliarí

Moisés Mourão Júnior

Lionésia da Silva Esbell

Rosianne Nara Thomé Barbosa

Boa Vista, RR
2006

Exemplares desta publicação podem ser obtidos na:

Embrapa Roraima

Rod. BR-174 Km 08 - Distrito Industrial Boa Vista-RR

Caixa Postal 133.

69301-970 - Boa Vista - RR

Telefax: (095) 3626.7018

e-mail: sac@cpafrr.embrapa.br

www.cpafr.embrapa.br

Comitê de Publicações da Unidade

Presidente: Roberto Dantas de Medeiros

Secretário-Executivo: Amaury Burlamaqui Bendahan

Membros: Alberto Luiz Marsaro Júnior

Aloísio Alcântara Vilarinho

Bernardo de Almeida Halfeld Vieira

Helio Tonini

Ramayana Menezes Braga

Normalização Bibliográfica: Maria José Borges Padilha

Editoração Eletrônica: Vera Lúcia Alvarenga Rosendo

1ª edição

1ª impressão (2005): 300

ALVES, A. B. ; SANTANA, A. R.; CERRI, A. D.; CALIARI, C. C.; MOURÃO JUNIOR, M.; ESBELL, L. da S.; BARBOSA, R. N. T. Agronegócio da banana em Roraima. Boa Vista: Embrapa Roraima, 2006. 46 p. (Embrapa Roraima. Documentos, 02).

- Banana. 2. Agronegócio. 3. Roraima. I. Título. II. Série.

CDD: 634.772098114

Autores

Admar Bezerra Alves

Engº Agrº técnico de nível Superior da Embrapa Roraima, TNS Rod. BR 174, km 8, Distrito Industrial, caixa postal 133, CEP 69301-970, Boa Vista – RR

admar@cpafrr.embrapa.br

Ailton Rosa Santana

Zootecnista, Divisão técnica da Secretaria Estadual de Agricultura Pecuária e Abastecimento, Av. Gal. Penha Brasil, 1121, São Francisco, CEP 69.305-130 Boa Vista Roraima.

Ailtonclick21@click21.com.br

André D'Arce Cerri

Engº Agrº, Assessor Especial da Secretaria Estadual de Planejamento e desenvolvimento, Rua Coronel Pinto, 241, Centro, CEP 69.301-150 Boa Vista- RR

cerrioliver@hotmail.com

Cássia Cristine Caliarí

Engª Agrª MSc. em Agronegócios, Professora Assistente da Universidade Federal de Roraima, Centro de Ciências Agrárias, Campus Cauamé – Monte Cristo, Boa Vista-RR.

cassiacaliari@uol.com.br

Moisés Mourão Júnior

Biólogo Msc. em Estatística, pesquisador II da Embrapa Roraima Rod. BR 174, km 8, Distrito Industrial, caixa postal 133, CEP 69301-970, Boa Vista – RR

mmourao@cpafrr.embrapa.br

Lionésia da Silva Esbell

Engª Agrª Bolsista do CNPq, br 174 km 8, Rua Cícero Correia mello Filho, 556, Caranã, CEP 69.313-592 Boa Vista-RR

lionesiaesbell@yahoo.com.br

Rosianne Nara Thomé Barbosa

Eng^a Agr^a Bolsista do CNPq Av. Brigadeiro Eduardo Gomes, 74, Bairro dos
Estados, CEP 69.305-010 Boa Vista Roraima
rosiannethome@click21.com.br

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos em nome da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Embrapa Roraima e dos parceiros representados pela Secretaria Estadual de Agricultura Pecuária e Abastecimento e pela Secretaria Estadual de Planejamento e Desenvolvimento a todos que contribuíram para o sucesso e alcance dos objetivos do projeto, em especial a Unidade da Embrapa Amazônia Ocidental e seus pesquisadores de banana, ao Sebrae Amazonas, Sebrae Roraima, Secretaria Estadual de Produção do Amazonas, Instituto de Desenvolvimento do Amazonas, as entidades representativas dos produtores rurais de banana do Amazonas e de Roraima, as empresas da iniciativa privada da rede de supermercados do Amazonas e Roraima, feirantes, produtores, bem como a Câmara Setorial de Fruticultura, os quais proporcionaram apoio e subsídios para a formatação da cadeia produtiva da banana no Estado de Roraima.

Nossas homenagens póstumas ao Engº Agrº Dr. Geraldo Costa Filho pesquisador da Embrapa – Roraima, pela contribuição em vida para o engrandecimento das atividades do projeto, reiteramos pensamentos positivos na certeza de que o mesmo sempre esteve conosco até a sua finalização, fatos estes culminando com esta obra que fará jus a todos que nela labutaram.

APRESENTAÇÃO

A fruticultura no estado de Roraima teve um impulso significativo em função da iniciativa do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) na implantação do programa de Plataformas tecnológicas. Neste cenário foi incluída a cadeia produtiva da banana. Como parte da metodologia, além de um curso de elaboração de projetos, foram realizadas reuniões técnicas para operacionalização de propostas para captação de recursos junto ao Programa de “Arranjos Produtivos Locais”.

Nas referidas reuniões, foram identificados os principais gargalos que afetavam o desempenho da cadeia produtiva da banana, das quais: questão fundiária; baixo nível de organização dos produtores; dificuldade na obtenção do Selo de Inspeção Federal (SIF); inexistência de uma bolsa de mercadorias; falta de estudo de zoneamento agrícola; alto preço dos insumos agrícolas; deficiência na assistência técnica; baixo nível tecnológico no transporte e embalagem; inadequação da infra-estrutura para o escoamento da produção. Dentre as frutíferas identificadas com perfil para desenvolvimento no Estado, a banana se destaca pela sua distribuição geográfica em todos os municípios e sua importância no contexto socioeconômico da agricultura familiar.

Esses fatores, aliada a questão da deficiência de informações sistematizadas sobre cadeias produtivas no Estado, justificou a aprovação do projeto “Agronegócio da Banana em Roraima” denominado AGROBARR, por meio do apoio da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) do Ministério da Ciência e Tecnologia e como executores a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA/RR, Secretaria Estadual de Agricultura Pecuária e Abastecimento (SEAPA) e a Secretaria Estadual de Planejamento e Desenvolvimento (SEPLAN).

SUMÁRIO

Apresentação.....	08
Introdução.....	10
Panorama Mundial.....	10
Panorama Nacional.....	13
Panorama Estadual.....	17
Metodologia.....	21
Resultados e Discussão.....	23
Segmento Fornecedor.....	23
Segmento Produtivo.....	23
Segmento Consumidor.....	30
Mercado de Manaus.....	33
Mercado Local.....	39
Referências.....	42
Anexos	
Fluxograma da Cadeia Produtiva.....	44
Registros Fotográficos.....	45

Agronegócio da Banana em Roraima

PANORAMA MUNDIAL

A banana (*Musa spp*), segundo dados da FAO (Órgão das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), foi no ano de 2001 a segunda fruta mais produzida no mundo, ficando atrás só da melancia, sendo cultivada em 124 países, ocupando a área de 4.209.435 hectares correspondendo a uma produção de 69.510.940 toneladas (FAMATO, 2002). A distribuição da produção mostra que a oferta mundial se concentra em reduzido grupo de países da Ásia e da América Latina, sendo que, 70% da oferta mundial é colhida pelos dez maiores produtores (tabela 1). A África, a Europa e a Oceania têm participação pouco relevante na oferta mundial da fruta (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 1998).

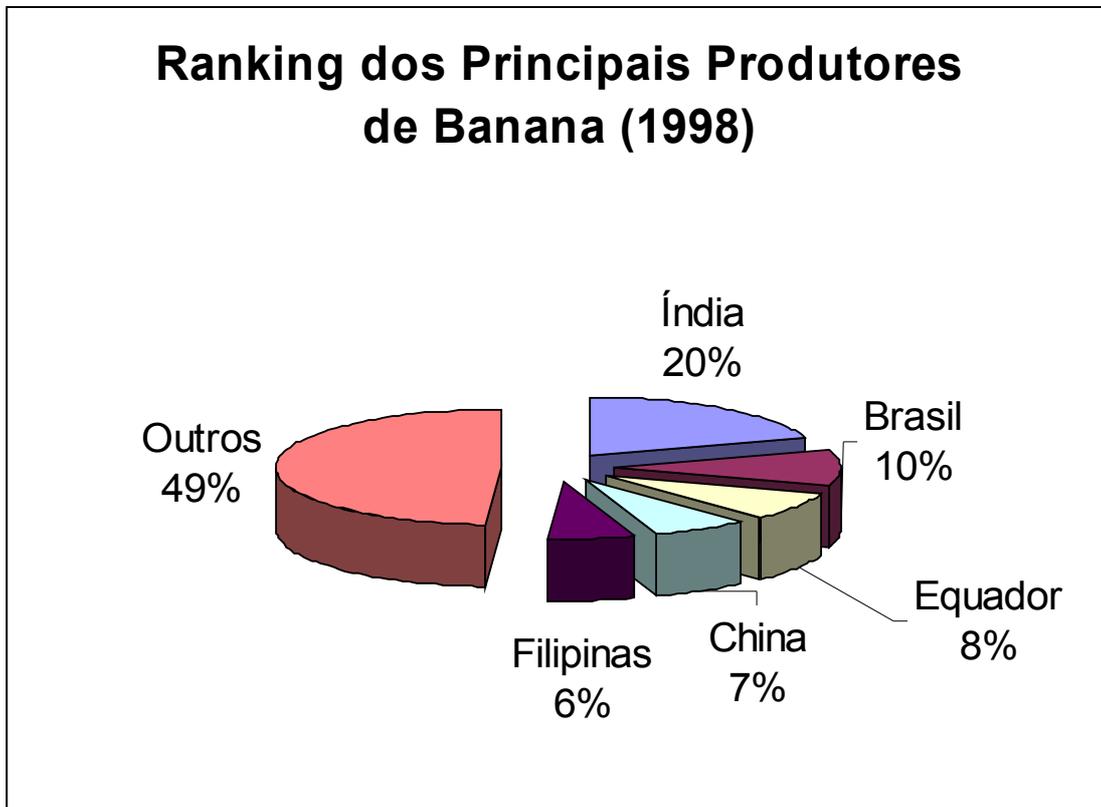
No ano de 2000, a maior produção foi representado pela Índia, a maior área plantada foi no Brasil e a maior produtividade média obtida na Costa Rica, conforme se pode observar na tabela 1, onde são destacados os dez maiores produtores (Souza, 2001).

TABELA 1 - Área, Produção e Produtividade média de Banana no Mundo em 2000

PAÍSES	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)
Índia	445.000	11.000.000	24.719
Brasil	536.842	6.301.494	12.110
Equador	193.601	5.000.000	25.826
China	214.000	4.812.529	22.488
Filipinas	337.100	3.560.800	10.563
Indonésia	269.778	3.165.730	11.734
Costa Rica	50.000	2.101.449	42.029
México	74.818	1.802.278	24.088
Tailândia	134.000	1.720.000	12.835
Colômbia	50.400	1.570.000	31.150
MUNDO	3.926.230	58.687.214	14.947

Fonte: FAO

Os principais países produtores são respectivamente Índia, Brasil, Equador, China e Filipinas, que respondem, por 51% do total produzido no mundo (Barros e Pizzol, 2001).



Fonte: FAO

A banana é uma das frutas de maior expressão em termos de valor no agronegócio externo. O total das exportações mundiais da fruta estava estimado em cerca de US\$ 5 bilhões alcançando aproximadamente 14 milhões de toneladas métricas, ou seja, 24% da produção, em 1997 (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 1998). Na tabela 2, pode-se observar que o Equador lidera as exportações mundiais, respondendo por 30% do volume transacionado. Nota-se também, que os cinco principais importadores são: Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido, Bélgica, Luxemburgo e Japão.

Tabela 2 Principais Países Produtores, Importadores, Exportadores e Consumidores de Banana

Principais Países Produtores, Importadores, Exportadores e Consumidores de Banana							
País Produtor	Produção (Mt)	País Import.	Qtde Import. U\$1000	País Exportador	Qtde Exportada (U\$1000)	País Consumidor	Consumo Aparente (Mt)
Índia	11.000.000	EUA	1.387.194	Equador	1.058.729	Brasil	5.437.561
Brasil	5.506.080	Alemanha	686.452	Bélgica**	747.078	China	4.200.017
Equador	4.563.442		577.874	Costa Rica	588.029	EUA	3.506.324
China	3.733.814	Bélgica**	574.648	Colombia	476.102	Indonésia	3.099.332
Filipinas	3.560.800	Japão	469.913	Filipinas	217.040	Filipinas	2.411.289
Indonésia	3.176.749	Itália	376.793	Guatemala	191.372	México	1.280.868
Costa Rica	2.098.333	França	223.259	EUA	177.013	Honduras	819.313
Tailândia	1.720.000	China	163.151	França	174.377	Egito	667.167
México	1.525.836	Canadá	161.246	Itália	139.351	Malásia	505.160
Colômbia	1.516.640	Suécia	159.079	Panamá	138.748	Espanha	421.811

Fonte: FAO (1998).

*Consumo aparente = Produção + Importação – Exportação.

**Inclui-se Luxemburgo.

É importante destacar que a Bélgica e Luxemburgo, apesar de não serem produtores, uma vez que não possuem clima adequado, ocupam a segunda posição no ranking de exportadores mundiais de banana. Isso ocorre porque esses países funcionam como entrepostos comerciais, isto é, recebem as importações e as distribuem para as demais regiões da União Européia. Por outro lado, a importância dos Estados Unidos como país exportador de bananas deve-se à consolidação de fortes estruturas de produção e comercialização, em importantes regiões produtoras da América Central e América do Sul (Barros & Pizzol, 2001).

Entre as áreas de comércio analisadas, a principal região exportadora é a América, responsável por 76% das exportações mundiais, tendo por origem, em sua quase totalidade, os países do Caribe e América Central. Constata-se também que o Mercosul, apesar do Brasil estar entre os grandes produtores, só comercializa no exterior 40,1 mil toneladas, volume seis vezes inferior ao exportado no início dos anos sessenta. As estatísticas de exportação, apresentam os Estados Unidos e a União Européia, que

exportou, em 1997, cerca de 1,2 milhão de toneladas de banana. Como esses blocos se situam, também, entre os maiores importadores, as estatísticas indicam que ocorre reexportação de parte da fruta no âmbito de acordos especiais entre países produtores e importadores (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 1998).

Grandes produtores, como a Índia e o Brasil, não têm expressão no mercado internacional. De fato, as exportações brasileiras, em 1997, foram de apenas US\$ 8,4 milhões, cerca de 0,2% do mercado mundial da fruta. Isso é particularmente relevante quando se considera que o continente americano, com destaque para os países do Caribe e América Central, participa com 64,5% valor exportado de bananas. A União Européia também assume posição de destaque, apesar de contribuir com apenas 0,8% da produção mundial e de 8,4% do volume exportado, responde por 25,1% do mercado mundial em termos monetários (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 1998).

A banana, por ser uma fruta perecível, sensível a choques físicos e com rápida maturação, conferiu ao mercado internacional a característica de "comércio de vizinhança" (Barros & Pizzol, 2001), onde os países produtores exportam para consumidores que são seus vizinhos. Assim, grande parte das exportações brasileiras (uma fração muito pequena da produção) é exportada para países vizinhos da América do Sul (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 1998).

Como exemplo, os Estados Unidos absorve a maior parte da banana produzida na América Central, na Colômbia e no Equador, em função tanto de sua proximidade como dos vínculos existentes entre este país e as grandes transnacionais que atuam tradicionalmente no comércio da fruta (Barros & Pizzol, 2001).

PANORAMA NACIONAL

A banana é uma das frutas mais consumida no Brasil, constituindo parte importante da renda dos pequenos produtores e da alimentação das camadas mais carentes, sobretudo do meio rural. É cultivada, predominantemente, em pequenas propriedades, sendo de grande importância para a fixação do homem no campo e para a geração de emprego rural, em especial para as camadas da população com menor grau de qualificação (Cordeiro, 2000). Apesar de ser o segundo maior produtor de banana, em 1997, o Brasil apresentou um baixo consumo per capita de 24,4 kg/hab/ano (Mascarenhas, 1999). Em 2000, o consumo per capita nacional foi estimado em torno de 20 kg/hab/ano (Cordeiro, 2000).

Aliada ao fato de ser uma das culturas mais plantadas no país, é uma importante fonte de alimento, apresentando, em média, por 100g da fruta: 108,2 calorias; 1,2g de proteína; 0,2g de gordura; 25,4g de carboidratos; 9 mg de cálcio; 27 mg de fósforo; 0,6 mg de ferro; 50 mg de vitamina A; 11 mg de vitamina C; entre outros (FAMATO, 2003).

A bananicultura brasileira apresenta características peculiares, que a diferenciam das outras regiões produtoras do mundo, tanto em relação à diversidade climática em que é explorada quanto ao uso de cultivares, forma de comercialização e exigências do mercado consumidor. Os cultivos são geralmente no formato tradicional, com baixos índices de capitalização e baixo nível de tecnologia. Cultivos tecnificados são encontrados em São Paulo, Santa Catarina, Goiás e Minas Gerais, nos quais se observa a utilização de tecnologias geradas e adaptadas de outros países (Coleção Plantar, 1994).

O Brasil se destaca como o segundo país produtor de bananas (Dantas et al., 1995), respondendo por cerca de 10% da produção mundial, mas com uma participação de apenas 0,5% no comércio internacional da fruta. Essa realidade deve-se, principalmente, ao elevado consumo interno, pois quase toda a produção é destinada ao mercado doméstico (Barros & Pizzol, 2001).

Dados do IBGE (2001), a cultura foi a segunda mais produzida, sendo superada apenas pela laranja. A área colhida foi de 510.313 ha, com uma produção de 6.177.293 toneladas de frutos, o que correspondeu a um volume de negócios superior a R\$ 1,8 bilhão. Em 2002, de acordo com dados do AGRIANUAL, a área colhida foi de 520.018 hectares e uma produção de 6.742.670 toneladas de frutos. No Brasil, a região sudeste se destaca pela maior produção de banana, em torno de 2,2 milhões de toneladas, o que representa

33,25% da produção brasileira, sendo que, o Estado de São Paulo vem contribuindo com 1,1 milhão de toneladas, em média 49,5% da produção desta região (Zonetti et al., 2002).

O maior desenvolvimento da bananicultura nacional, no entanto, está sendo observado na Região Nordeste. Lá, a produção deverá aumentar, só neste ano de 2002, 12,5%, e a produtividade média dos bananais terá incremento de 7,9%. O estado do Rio Grande do Norte é o grande destaque por ser o detentor da maior produtividade por área, atingindo 29.545 kg/ha, superando seu próprio recorde de 2001, que foi de 28.529 kg/ha. Na região, não só os rendimentos médios e os volumes têm apresentado evolução, como também a qualidade da produção, os quais têm deixado satisfeitos os agentes de mercado e os consumidores da fruta, abrindo o mercado, principalmente da Europa, para a banana brasileira.

Tabela 3 Área plantada e produção nas regiões brasileiras e total nacional

ÁREA PLANTADA E PRODUÇÃO NAS REGIÕES BRASILEIRAS E TOTAL NACIONAL				
REGIÕES	PRODUÇÃO (t)		RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)	
	2001	2002	2001	2002
Norte	822.678	1.014.193	7.276	9.290
Nordeste	2.043.554	2.185.586	12.128	12.483
Sudeste	1.988.243	2.043.945	13.992	14.156
Sul	803.514	868.732	17.750	18.342
Centro-Oeste	301.326	285.733	7.540	8.812
Total	5.959.315	6.398.189	11.710	12.584

FONTE: IBGE, 2002.

Os principais estados produtores em 2001 foram: São Paulo, com 1.105.827 toneladas numa área de 53.997 ha; Bahia, com 717.220 toneladas em 47.420 ha; Pará, com 712.417 toneladas em 58.311 ha; Minas Gerais, com 593.877 toneladas em 42.110 ha e Santa Catarina, com 585.858 toneladas em 28.785 há (Souza, 2002). Estas unidades da Federação, que detêm 62% da área plantada do País, deverão participar com 72% da oferta nacional do produto, com um rendimento médio das plantações 15% maior que a média nacional, como pode ser comprovado na tabela a seguir, onde também se observa significativo aumento na produção na maioria dos estados, mesmo com diminuição da área plantada (Souza, 2002).

Tabela 4 Banana - área plantada, volume produzido e rendimento médio nos principais estados e no país.

BANANA – ÁREA PLANTADA, VOLUME PRODUZIDO E RENDIMENTO MÉDIO NOS PRINCIPAIS ESTADOS E NO PAÍS.						
ESTADOS	PRODUÇÃO (t)		ÁREA (ha)		PRODUTIVIDADE (kg/ha)	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002
São Paulo	1.105.827	1.132.160	53.997	55.630	20.479	20.352
Bahia	717.220	824.776	47.435	50.429	15.125	16.355
Minas Gerais	585.340	578.864	42.110	42.812	13.900	13.521
S.Catarina	585.858	626.000	28.785	29.000	20.353	21.586
Pará	563.141	763.025	59.600	55.400	9.716	13.776
Ceará	296.440	335.385	41.548	41.936	7.135	7.998
Pernambuco	327.850	377.635	46.232	40.020	8.922	9.832
Outros	1.777.639	1.816.194	202.057	191.342	8.797	9.492
Total Estado	5.959.315	6.454.039	521.764	506.569	11.710	12.785

FONTE: IBGE, 2002.

Embora a banana, no Brasil, seja produzida em todos os estados; São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará estão mais envolvidos com o abastecimento nacional e internacional da fruta, enquanto os demais, mesmo com grande produção, como é o caso de Pará e Bahia, atendem às demandas regionais (Souza, 2002).

O consumo da fruta é de cerca de 3.100.000 ton/ano. Na última década, o volume produzido foi praticamente constante, mas houve um substancial ganho em qualidade e apresentação do fruto (Souza, 2002). As exportações brasileiras de banana estão em ritmo bastante acelerado, somente no primeiro semestre do ano de 2002, as vendas externas do País superaram as do mesmo período do ano anterior em quase 200%. O volume acumulado de janeiro a junho de 2002 foi de 103.727 toneladas, enquanto em 2001, também de janeiro a junho, foram exportadas 34.714 toneladas. Historicamente, é a primeira vez que o mercado externo da fruta alcança tão expressivo volume, podendo-se projetar para 2002, novo recorde nas exportações (Souza, 2002).

De acordo com dados do Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (2001) as exportações brasileiras de frutas, de janeiro a setembro de 2000 foram de 331.738

toneladas, enquanto que, no mesmo período de 2001 o volume exportado foi de 415.501 toneladas. Do total das exportações de frutas, a banana contribuiu em 2000 com um volume exportado de 57.705 toneladas, enquanto em 2001 foram exportadas 63.901 toneladas (Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2001). Santa Catarina foi o principal Estado exportador, mandando para fora do País 162.700 toneladas e ganhando US\$ 17,1 milhões com a venda da fruta para o mercado externo. O Rio Grande do Norte exportou 55 mil toneladas (US\$ 13,6 milhões); São Paulo, 9.500 toneladas (US\$ 997 mil) e Minas Gerais, 3.700 toneladas (US\$ 431 mil). A variedade mais consumida e exportada é a nanica (FAMATO, 2003).

Argentina continuou sendo o principal comprador da banana brasileira, pagando US\$ 18 milhões pelas 163 mil toneladas das frutas importadas no ano passado. O país é seguido, no ranking de compradores, por Uruguai e Reino Unido, que importaram 39.400 e 30 mil toneladas, respectivamente (FAMATO, 2003). Apesar de muito tímidas diante da produção de 6,7 milhões de toneladas (dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), as exportações brasileiras de banana *in natura*, seca ou em forma de purê têm crescido. Em 2000, foram exportadas 71.800 toneladas; em 2001, 105 mil toneladas e mais que o dobro disso em 2002. Entretanto, estamos bem embaixo no ranking de exportações, apesar de sermos um dos maiores produtores (FAMATO, 2003).

PANORAMA ESTADUAL

A exploração da cultura da banana no Estado de Roraima atinge todos os municípios, sendo representativa nas localidades de Caroebe, Rorainópolis, São João da Baliza, São Luis do Anaua, Iracema e Mucajaí (tabela 5) se destacando como uma das principais fontes de renda do pequeno produtor rural.

Tabela 5. Municípios Produtores de banana em Roraima – Ano 2002.

MUNICÍPIO	TONELADA COLHIDA	
	2001	2002
Alto Alegre	880	800
Amajari	1.120	880
Boa Vista	480	320
Bonfim	880	640
Cantá	880	640
Caracaráí	560	400
Caroebe	9.360	8.800
Iracema	960	640
Mucajaí	320	240
Normandia	2.240	1.600
Pacaraima	320	240
Rorainópolis	5.600	4.800
São João da Baliza	2.800	2.400
São Luiz	1.440	1.200
Uiramutã	160	120
Roraima	28.000	23.720

Fonte: IBGE-RR, 2003.

Apresenta uma área plantada de 3.510 ha, atingindo uma produção de 23.720 toneladas, com um rendimento médio de 8,0 toneladas por hectare (tabela 6), segundo dados do IBGE(2002). Indicadores obtidos em encontro com produtores e técnicos envolvidos com a bananicultura(2003), apontam para uma área plantada de 6.346 há e aproximadamente 2.500 famílias diretamente explorando a cultura, dados estes confirmados em estudo de caso realizado em campo(2004). A atividade contribui para mudar o modelo da agricultura praticada atualmente (itinerante), que consiste no desmatamento anual para o plantio das lavouras brancas (feijão, milho e arroz), ajudando dessa forma a sanar um dos grandes

problemas ambientais, as queimadas, que tantos danos trazem aos recursos naturais. A importância da banana para o estado, além de econômica, está na dieta alimentar, ressaltando que é uma suplementação básica da população urbana e rural, inclusive das comunidades ribeirinhas e indígenas.

Tabela 6. Produção ano 2002

PRODUTO	ÁREA PLANTADA (ha)	ÁREA COLHIDA (ha)	QUANTIDADE (ton)	REND. MÉDIO (kg/há)	VAL. PRODUÇÃO (R\$)
Banana	3.510	2.965	23.720	8.000	7.116

Fonte: IBGE-RR

O cultivo dessa frutífera ao longo do tempo tem se comportado como uma das melhores alternativas para geração de renda das famílias rurais, principalmente, em se tratando da pequena e média propriedade. Em Roraima, a bananicultura também contribui sobremaneira para minimizar o índice de um dos principais problemas sociais que afeta o desenvolvimento local: a migração para os centros urbanos de trabalhadores e produtores rurais advindos de projetos de assentamento, principal política de povoamento e distribuição de terras utilizada pelo governo federal em Roraima, executada pelo INCRA. De acordo com o IBGE (2000), 76% da população do estado reside em área urbana. A importância da bananicultura para Roraima também está amparada em algumas vantagens comparativas de valor estratégico para o desenvolvimento sócio econômico, conforme descritas a seguir:

Vias de escoamento: dispõe-se da BR-174, principal via de escoamento do estado, que nos liga ao Amazonas e à Venezuela, permitindo o acesso aos seus mercados, bem como ao Caribe e a América do Norte. Nesse contexto, ressalta-se a proximidade de infra-estruturas portuárias para exportação, como o Terminal Graneleiro de Itacoatiara (AM), distante aproximadamente 900 Km de Boa Vista e o terminal de Puerto Ordaz, na Venezuela, distante aproximadamente 800 km, permitindo acesso aos mercados da Europa e da costa leste dos Estados Unidos. A segunda alternativa (ainda não concluída) é a Rodovia Perimetral Norte (BR-210), planejada para ligar o Oceano Atlântico ao Pacífico. A terceira grande alternativa se efetivará por meio da BR-401, mediante a implantação do Projeto Arco Norte (em fase de estudos), o qual interligará a capital de

Roraima à Macapá, passando pela Guiana Inglesa, Suriname e Guiana Francesa, propiciando também a utilização das estruturas portuárias desses países para alcançar os mercados consumidores da Europa e dos Estados Unidos. O estado conta, ainda, com uma malha viária expressiva no interior, as chamadas vicinais, e também estradas municipais, localizadas, principalmente em torno de núcleos de assentamento rural. Embora essas estradas necessitem de manutenção periódica, o sistema viário permite o escoamento da produção até os centros de comercialização no Estado e em Manaus, hoje principal centro consumidor de produtos roraimenses.

Disponibilidade de energia: somos o único Estado no Brasil que dispomos de energia suficiente para atender toda a população urbana do estado, e ainda contar com excedente para atender empreendimentos agrícolas, pecuários, florestais e seus processos industriais pertinentes. Este potencial é oferecido a partir da energia elétrica gerada na Usina Hidroelétrica de Guri, na Venezuela.

Disponibilidade de áreas para incorporação imediata ao processo produtivo: dispomos de regiões adequadas para o estabelecimento de agronegócios sustentáveis, integrando as unidades produtivas e a agroindústria, com destaque para dois ecossistemas: as áreas de lavrado ou savanas (semelhantes aos cerrados da região centro-oeste) com disponibilidade de 1,5 milhão de hectares e áreas de floresta tropical, com disponibilidade de 900 mil hectares alterados por processos de desmatamento em núcleos de assentamentos rurais.

Condições climáticas: dispomos de aproximadamente 95% de nossa área no hemisfério norte, ocasionando períodos chuvosos e secos contrários às demais regiões brasileiras, acarretando períodos de safras invertidos, ou seja, a produção local ocorre na entressafra de frutas brasileiras, contribuindo assim, para a facilidade da inserção dos produtos roraimenses nos demais estados brasileiros. O período seco bem definido contribui também para a minimização da ocorrência de doenças que limitam a produção de algumas espécies de regiões tropicais úmidas.

Disponibilidade de tecnologias potenciais: Atuante há mais de 20 anos no estado, a Embrapa Roraima dispõe de tecnologias para respaldar agronegócios potenciais para o Estado. Além da área de bananicultura, destacam-se outras, tais como: as culturas do arroz, caupi (feijão), milho e soja, em áreas de lavrados, e processos de manejo sustentável em áreas alteradas de floresta tropical, por meio de práticas de reposição florestal utilizando sistemas de produção e agrofloresta, com ênfase nas espécies amazônicas e arbóreas nobres.

METODOLOGIA

O método de pesquisa utilizado teve como base a proposta de Castro et al (1995, 1998), sobre Prospecção de Demandas Tecnológicas e Estudos de Cadeias Produtivas, e se fundamenta em 2 vertentes teóricas: Teoria dos sistemas e enfoque sistêmico: a propriedade agrícola deve ser vista como um sistema produtivo, num contexto maior, onde se inserem também os demais agentes da cadeia, estando estes interagindo de forma sinérgica ou antagônica e na segmentação de mercados.

Foram realizados levantamentos de dados secundários e primários, estes últimos por meio de entrevistas em profundidade e pesquisa de mercado. Preliminarmente, fez-se coletas de dados secundários por meio de consultas a bibliotecas, bases de dados, e visitas a instituições que fazem parte do agronegócio da banana no Estado; na seqüência, após o levantamento de antecedentes, foi realizado um *Workshop* em Boa Vista, com duração de 1 dia, com a participação de produtores, técnicos da extensão rural, fornecedores, atacadistas, instituições de crédito, assistência técnica e fomento, etc. sendo construído um esboço mais próximo da realidade da cadeia produtiva da banana, permitindo assim, o direcionamento e aprofundamento dos estudos. A realização do *workshop* permitiu a definição e seleção dos segmentos representativos da cadeia produtiva, os quais serviram como alvo de entrevistas em profundidade.

A identificação das necessidades e expectativas dos diferentes mercados da cadeia produtiva da banana, foi realizado mediante o levantamento de dados primários por meio da execução de entrevistas junto aos segmentos representativos da cadeia produtiva. No caso dos produtores, foram realizadas entrevistas em todos os municípios do estado, totalizando 15 localidades, sendo coletadas informações de: produção, produtividade, nível tecnológico adotado, custo de produção, formas de comercialização, preços recebidos, tipo de mão de obra utilizada, sistemas de cultivo, situação fundiária, práticas pós-colheita, práticas gerenciais, relacionamento com fornecedores, intermediários e consumidores, além de uma abordagem em relação aos principais problemas enfrentados, expectativas futuras em relação à atividade, dentre outros. Em relação aos intermediários, buscou-se levantar: número, localização, capacidade, número pessoas empregadas, comercialização, preços praticados, infra-estrutura disponível, tributação incidente, perdas com transporte e armazenamento, relacionamento com produtores, atacadistas, varejistas e expectativas futuras. As entrevistas foram conduzidas por meio de um roteiro estruturado (questionário), o qual confeccionado estrategicamente para obtenção das informações desejadas. A confecção e aplicação dos questionários foi responsabilidade da equipe executora do

projeto. A amostra foi estabelecida em função da representatividade por município de produtores, variando de 6 a 10 questionários por localidade, sendo preenchido um total de 83 formulários.

No que se refere a caracterização do segmento “consumidor”, o universo de pesquisa foi a população urbana residente no município de Boa Vista, de 197.098 habitantes (Censo IBGE, 2000), o que corresponde à 60,76% da população total do Estado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segmento Fornecedor

Nos últimos anos, os segmentos de insumos e serviços com ênfase na agricultura em Roraima, têm melhorado bastante, fato este, impulsionado pelo crescimento da atividade de grãos, principalmente quanto ao arroz irrigado e a soja, por tabela, os outros ramos da produção agrícola foram beneficiados. Levantamento de campo, bem como, dados colhidos em eventos técnicos apontam para um universo de 04 empresas de grande porte, no suporte ao fornecimento de insumos básicos, radicadas em Boa Vista, os produtos disponibilizados vão desde o calcário, fertilizantes, agrotóxicos a ferramentas de uso comum. Além destas empresas, temos outras de porte menor representadas pelas casas agropecuárias que atendem também o setor pecuário as quais estão presentes em todos os municípios do estado.

Quanto às empresas fornecedoras de mudas, foi identificado 01 representação de fornecedora de material in vitro de mudas de fruteiras, inclusive de bananeira resistente a doenças e 02 empresas viveiristas que dispõem de mudas proveniente de métodos tradicionais. O fornecimento de máquinas e implementos é representado por apenas uma empresa, enquanto que no ramo de irrigação dispõe-se de 03 fornecedores, sendo que 01 especializada. Não foi identificado empresas fornecedoras de material de embalagem e industrialização da banana, caracterizando dependência do mercado de outros estados.

Face ao exposto, constata-se que este segmento está em fase de estruturação, com alguns setores apresentado deficiências, entretanto, não está sendo demandado em Roraima, em função da não adoção de tecnologia e da baixa capitalização dos produtores, tendo como reflexo: baixo nível de produtividade, má qualidade do produto, pouca competitividade e baixa rentabilidade. Um dos aspectos a ser considerado como fator de não adesão do produtor pelo uso de insumos, está no preço praticado no mercado, sendo um dos maiores do País em função do efeito “Custo Brasil”.

Segmento Produtivo

O perfil do produtor de banana em Roraima não foge as características históricas de colonização, o qual teve sua origem na atividade garimpeira e na migração da região nordeste. Dos entrevistados 53% têm o 1 Grau incompletos , 15% são alfabetizados, 9,6% analfabetos, 8,4% com 1 grau e 7,2% com 2 grau completo. Observa-se peculiaridades

que caracterizam o produtor deste segmento, em função dos seguintes aspectos: a maioria assentados da reforma agrária, origem de outros estados da federação, baixo nível de organização, utilização da mão de obra familiar, pouco conhecimento gerencial, baixo nível de escolaridade, pouco acesso ao crédito, não utilização de insumos, não adoção de tecnologias, excesso de trabalho e baixa rentabilidade.

Apesar dos fatores citados anteriormente, existe uma preferência por parte dos produtores pela exploração da banana, em função dos seguintes fatores: facilidade no manejo da cultura, retorno rápido do investimento e liquidez no comércio (produto valorizado no mercado), daí a tomada de decisão em permanecer na atividade.

Foi constatada a fragilidade das instituições ou organizações dos produtores, refletindo resistência e pouca credibilidade entre os mesmos, nas suas diversas formas, principalmente quanto ao formato de associações. Os dados de pesquisa estabelecem que 53% dos produtores estão envolvidos em alguma forma de organização (associação ou cooperativa), enquanto que 47% não aderiram a nenhuma proposta, sendo que alguns já tiveram experiência e se decepcionaram com os resultados. Ocorrem iniciativas isoladas na formação de cooperativas, visando facilitar o processo de escoamento e comercialização do produto, entretanto, não apresentando resultados relevantes na melhoria do nível de organização.

Uma das características peculiares se refere a situação fundiária com a seguinte configuração: 50,6% têm o cadastro do Incra, 36,1% título definitivo, 2,4% recibo de compra-venda e 10,8% nenhum tipo de documento, apresentando casos que variam em função da região, destaque para as áreas de assentamentos oficiais e em fase de regularização representando a maioria do público envolvido com a bananicultura.

A faixa etária dos produtores está entre 45 e 65 anos, com uma média de 4 pessoas por família, observando a tendência de diminuição deste índice em função da evasão dos filhos dos produtores que necessitam estudar nos centros mais desenvolvidos. Outro aspecto significativo é o advento da instalação de rede elétrica nas propriedades, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida (conservação de alimentos, água potável, lazer e entretenimento), ampliando o processo de comunicação por meio da televisão, bem como na contribuição para fixação dos mesmos no campo.

A área média das propriedades é de 60 ha, 45% dos entrevistados, tendo a bananicultura como sua principal fonte de renda (67,5% dos entrevistados), o restante é representado por atividades diversas, destacando-se a pecuária bovina. Existe um ditado no meio

produtivo que afirma: “A banana segura a atividade de criação de gado” fato este, confirmado por ocasião das visitas de campo, percebendo-se a relação direta entre a atividade da bananicultura e a pecuária. Em outra vertente, constata-se que 80,7% dos produtores nunca fizeram algum tipo de financiamento e 19,3% já obtiveram crédito através do Programa Nacional de Agricultura Familiar(PRONAF).

A produção de banana esta disseminada em todo o estado, sendo explorada nos diversos ecossistemas, apresentando melhor desempenho na região sul. Em visitas realizadas a campo observou-se uma concentração bem definida da produção, tendo como representante em maior escala o município de Caroebe seguido de São João da Baliza, Apiaú (Mucajai) e Campos Novos(Iracema). Ressalta-se algumas localidades que tem se destacado neste cenário tais como: a região de Tabocas no município de Canta, Serra Dourada no município de Caracarai,, Miang em Pacaraima, Nova Colina em Rorainópolis e o Projeto de Assentamento Bom Jesus do Amajari. Nos demais municípios, a exploração da lavoura, apesar de existente, não tem se destacado de forma significativa

A geografia da produção de banana no estado, esta relacionado a aspectos de relevo, fertilidade e umidade do solo. Neste contexto, observa se que a maior concentração da área plantada esta em regiões de topografia levemente ondulada, representada pelas encostas com boas características físicas e pelos solos de textura media a pesada, geralmente com boa reserva de nutrientes. Fora destes padrões tem-se constatado relatos de baixa produtividade, maior ataque de doenças e diminuição da vida útil do bananal. Estes aspectos têm induzidos os produtores na abertura de novas áreas para exploração da cultura, nas fundiárias dos lotes, próximos de mananciais d^aagua influenciados pela manutenção da umidade do solo, por meio do lençol freático. As conseqüências advindas destes critérios de ocupação esta no aumento dos custos operacionais da lavoura, por meio de gastos com infra-estrutura de carreadores, estradas, transporte e mão-de-obra, diminuindo a margem de lucro da atividade e afetando a qualidade do produto.

Analisando a ocupação espacial das lavouras de banana no estado, destaca-se também sua exploração em regiões com topografia acentuada representado pelas seguintes localidades: Miang, Pacaraima; Projeto de Assentamento Bom Jesus, Amajari; Vicinal 4 de Nova Colina, Serra Dourada, Caracarai, bem como algumas localidades do município de Caroebe(vicinal 13 e 18).

Os dados de estudo de caso com produtores em campo, bem como, enquetes entre técnicos e instituições envolvidas com a atividade da bananicultura, apontam para um universo de 2.600 produtores explorando a cultura, para uma área media plantada de 3,0

ha, podendo-se inferir uma área plantada em todo estado de aproximadamente 7.800 há. A produtividade média está em 400 cachos-ha levando em consideração um stand de 625 plantas/ha (espaçamento 4,0 x 4,0m). Estima-se que um cacho, na melhor classificação, tenha um peso médio de 10 kg, portanto, considerando que a produção obtida atinja este patamar, teremos uma quantidade de 3.120.000 cachos, significando um aporte de 31.200 toneladas por ano. Para as safras seguintes há uma previsão de diminuição da área plantada, com redução média de 30% provocado pela baixa cotação do produto nos últimos anos, bem como, aumento da incidência de doenças. Dos produtores entrevistados 84,3 % nunca fizeram análise de solo, da mesma forma 80,3 % não utilizam adubos, enquanto que 19,7 % o pratica por meio de fontes minerais e matéria orgânica. O preparo da área ocorre mediante a derruba e queima, sendo realizado no período de novembro a dezembro (Sul do estado) e janeiro a fevereiro (demais regiões). O rizoma e o tipo de muda mais adotado para propagação (50 %), sendo o restante através de chifre e chifrinho com 22% e 21% respectivamente. A variedade mais cultivada é a cv Prata (Pratona) seguida da Pacovan (fritar) e Maçã; ressaltando-se a ocorrência dos tipos Coruda e Mysore, bem como os cultivares resistentes a doenças introduzidos na região, das quais a Thap Maeo, FHIA 18, Prata Zulu e a Caipira. A época de plantio ocorre a partir de dezembro (13,3%) sendo que, o mês de abril aparece com maior frequência (38,6%). O stand de plantas varia muito entre os produtores, função dos diversos sistemas de produção adotados pelos mesmos. Na amostragem o número de plantas está na ordem de 625 unidades por hectare, equivalente ao espaçamento de 4m x 4m. Em todas as projeções da exploração da bananicultura, destaca-se o município de Caroebe, apresentando-se com aproximadamente 46% da área plantada no estado, seguido de Rorainópolis e São João da Baliza com 17% e 5% respectivamente. O sistema de produção adotado é o tradicional, caracterizado pelo plantio solteiro, com algumas exceções (método consorciado), baixas nível tecnológico, pouco uso de insumos básicos (calcário, fertilizantes e matéria orgânica). Das práticas de manejo cultural, 61% fazem o corte raso do pseudo caule e 42% a desfolha, quanto a roçagem são realizadas 2-3 por ano. Não se faz controle químico de doenças, as quais se apresentam com a seguinte configuração de ocorrência: sigatoka amarela (47%), o mal do Panamá (37%) e a sigatoka negra (9,6%). Destas doenças observadas, a sigatoka amarela, tem presença sistemática em todo estado, enquanto que o Mal do Panamá ataca, preferencialmente, a cv Macã e a Prata Zulu. A partir de 1999 com a confirmação da Sigatoka Negra incidindo de forma gradual em algumas regiões do estado, houve um esforço concentrado das autoridades responsáveis pelo controle fitossanitário, tendo como foco de controle a região sul (Caroebe, São João da Baliza e Rorainópolis), bem como, a porção centro oeste

representado por Campos Novos e Apiau, mediante um programa de capacitação de profissionais de assistência técnica e incentivo ao plantio de materiais genéticos resistentes a referida doença. Dos insetos citados (moleque da bananeira, lagarta, formiga), somente a broca aparece como possível preocupação pelos produtores, sendo que a grande maioria (91,2%) não faz controle químico. A tecnologia de irrigação e utilizada por apenas 9,6% dos entrevistados, enquanto que 89,2% não a adotam.

A colheita ocorre de 8 a 12 meses após o plantio, é realizada em função do critério visual de granação e aspecto do cacho, efetuando-se o corte do pseudocaule a uma altura que permita sua derruba de forma gradual, sem afetar a qualidade dos frutos. O cacho é depositado em carregadores para pousio (enxugamento da resina) sendo posteriormente transportado por carretas de trator ou tração animal até o ponto de carga. O pico da colheita ocorre no período de agosto a novembro. No trato pós-colheita não se faz: despalma, lavagem, tratamento químico, climatização, embalagem e processamento. Convencionou-se uma classificação que estabelece três padrão de cachos, com a seguinte denominação: tipo ferrão (mais de oito pencas por cacho), tipo médio (relação 2-3 para 1) e pinguelo (relação 4 -5 para 1). Este critério não é muito claro, principalmente, no processo de comercialização do produto, onde os compradores estabelecem classificação paralela e de acordo com a cotação do produto no mercado. Os cachos são empilhados a granel em transporte com capacidade média de carga de 15.000 kg, sendo acondicionados em torno de 2.000 cachos, dos quais, 1.200 na classificação de ferrão e o restante de médio a pinguelo.

A venda da produção é realizada por meio de intermediários (79,5%) dos quais estão os atravessadores regionais, agentes, atravessadores das feiras urbanas, bem como, direto ao consumidor(15,7%). O processo de comercialização é realizada por meio de intermediários (atravessadores), onde o produtor se submete às regras do comprador ou compradores da região, estabelecida previamente. Os contatos são realizados em visitas periódicas que os mesmos fazem as localidades de domínio, identificando a quantidade a ser adquirida, bem como, repassando o preço praticado pelo mercado. Realizado os acertos do produto a ser adquirido, fecha-se as datas para colheita e disposição do produto para embarque, ressaltando-se que os custos com a colheita e transporte interno é por conta do produtor, enquanto que, o comprador se responsabiliza pela classificação e embarque da carga. Este fato tem gerado descontentamento entre os produtores, em função da classificação dos cachos arbitrado pelos mesmos, os quais, são rígidos na definição do cacho tipo “ferrão” e tendencioso na classificação tipo médio e pinguelo (em média 4 para 1), desfavorecendo o produtor no computo final da carga.

Os intermediários atravessadores variam na quantidade em função da região de produção, mas geralmente são poucos por localidade envolvidos no processo, havendo também bastante rotatividade. Identificou-se que nas áreas de maior concentração da produção, eles são em número de 8 pessoas (região compreendida entre São Luís do Anauá e Entre Rios), 6 pessoas (Região de Novo Paraíso e Jundiá), 1 pessoa (região de Campos Novos) e 2 pessoas (região de Apiaú), nas demais localidades não identificou-se compradores sistematicamente no local da produção, normalmente, o produtor comercializa pessoalmente nas feiras ou repassa a atravessadores nestes locais. Existem casos em que o produtor também exerce o papel de atravessador, dependendo da oportunidade e peculiaridades de cada região de produção.

Na amostragem de campo ficou nitidamente caracterizado o destino da produção, aferindo-se que 95% do produto da região sul do estado é direcionado para o mercado de Manaus, enquanto que as outras regiões, atendem o mercado interno, sendo a Feira do produtor, o principal ponto de vendas do produto. O tipo de banana mais comercializado é a cv. Prata (prata) numa ordem de 90% seguida dos outros 10% com as cultivares Mysore, Pacovan (fritar), Thap Maeo, terra, coruda e pratinha.

Observou-se que o produtor está com baixo nível de organização da produção e conseqüentemente do processo de comercialização, não investindo na apresentação do produto, em gerenciamento da propriedade e busca de informações de mercado, ficando a mercê dos intermediários. Neste contexto, a atividade tende a favorecer o segmento da cadeia produtiva de forma insustentável, privilegiando o elo dos intermediários e penalizando os produtores, não obstante, o segmento Consumidor também é afetado devido à relação inelástica da oferta e demanda, característica de mercado desequilibrado, ou seja, a manipulação dos intermediários na definição de preços e volume ofertado do produto, não permite o fluxo normal dos negócios na safra e entressafra, vez que, o consumidor sempre paga o mesmo preço pela mercadoria independentemente da sazonalidade.

O produto comercializado é entregue na propriedade (66%), enquanto que 15% transporta até as feiras e 9,6% entrega diretamente no comércio local. A produção colhida sempre é comercializada, salvo período de pico de safra e de baixa cotação do produto, o qual ocorre perdas por falta de comprador ou custos de colheita acima da receita bruta. Estima-se que neste período ocorre uma perda média de 50 cachos por hectare, nesta mesma abordagem foi citado que as causas de perdas estão relacionadas à forma de

transporte(19,3%), processo de classificação pelo atravessador(15,6%) e falta de mercado(10,8%).

No contexto de aproveitamento do fruto da banana para fins industriais, as iniciativas são incipientes, tendo algumas ocorrências na fabricação de doce em massa e passa, entretanto, a maioria não faz processamento, havendo interesse para fazê-lo, faltando informações quanto a aspectos tecnológicos e estudo de mercado.

Existem algumas áreas de cultivo da banana com tecnologia, utilizando-se insumos básicos modernos, adoção de sistema de produção com base em pesquisas, adoção de trato pos-colheita (lavagem, climatização, despalma, embalagem em caixas padrão), sendo exploradas as cultivares resistentes e a cultivar Nanica, os mesmos estão localizados no entorno de Boa Vista , Cantá e Pacaraima.

Os indicadores de produção apontam para gastos operacionais na ordem de R\$ 700,00 para implantação da lavoura e R\$ 200,00 de manutenção anual por hectare, acrescido de gastos com o processo de colheita e comercialização, na ordem de R\$ 150,00 totalizando um investimento com custeio de R\$ 1.050,00 por hectare. Em plantios com uso de tecnologia, o custo de implantação esta em R\$ 5.134,00 por hectare, somando-se R\$ 1.800,00 de manutenção, teremos um aporte de R\$ 6.934,00 de gastos por hectare no primeiro ano (workshop, AGOBARR).

Levando-se em consideração uma produtividade de 400 cachos por hectare, e um preço médio obtido pelo produtor na ordem de R\$ 2,50 por cacho, estima-se uma receita bruta de R\$ 1.000,00 e um déficit de R\$ 50,00 por hectare (cultivo sem tecnologia), significando que no primeiro ano, não há retorno financeiro do capital investido na lavoura melhorando do segundo ano em diante; salientando que a vida útil dos bananais em media está durando 4 anos. Em simulação com a exploração utilizando bases tecnológicas, estima-se uma produtividade de 1.000 cachos (media 15kg por cacho)por hectare, preços médios de venda de R\$ 0,60 por kg, tendo uma receita bruta de R\$ 9.000,00 e receita liquida de R\$ 2.066,00 no primeiro ano, sendo que, no segundo ano esta receita tende a crescer em função da estabilidade da produção e da diminuição dos custos operacionais, entretanto, a vida útil neste sistema de produção pode chegar aos 8 anos, podendo-se afirmar que na fase de estabilização da produção a receita liquida pode alcançar a ordem de R\$ 7.200,00 por hectare.

Segmento Consumidor

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística indica que o mercado consumidor em Roraima é formado por 357.239 hab (IBGE, 2003), sendo que destes, 61,9% residem na capital Boa Vista. No momento, inexitem informações sobre o consumo *per capita* de banana no estado, entretanto, no Amazonas este índice atinge 60kg/hab/ano, chegando a 72kg na capital (Sebrae Amazonas, 2003). Comparando-se esta informação com os índices nacionais, que apresentam um consumo médio de banana de 24,4kg/hab/ano (Mascarenhas, 1999) pode-se notar a importância da bananicultura para a região. Estudo realizado por Rezende & Arruda (1997) demonstraram que a “banana comprida” (plátano), a melancia e a banana, são as frutas mais consumidas no mercado doméstico de frutas no estado, seguidas pela laranja, maracujá e coco verde.

Muitos são os fatores que podem influir no comportamento de compra de um consumidor, a exemplo de fatores culturais, sociais, pessoais e até psicológicos (Kotler, 1995). Deste modo, o conhecimento de suas preferências e hábitos tornou-se premissa básica para entender o comportamento do mercado e assim oferecer produtos na hora, no local e na forma adequados, como forma de manter e conquistar consumidores.

Para entender este processo e as variáveis intervenientes na decisão de compra do cliente, fez-se uma pesquisa exploratória, com o objetivo de identificar fatores que estariam influenciando a compra de banana por consumidores em Boa Vista, sendo realizadas quatorze entrevistas com consumidores, utilizando um roteiro semi-estruturado onde foram questionados os fatores importantes na definição do tipo de banana a ser escolhida, a exemplo do local de compra, atributos, etc. A partir deste levantamento inicial, foi elaborado o questionário utilizado na pesquisa.

A execução das entrevistas foi terceirizada para uma empresa, a qual mediante treinamento dos entrevistadores realizou a pesquisa entre os meses de outubro e novembro de 2003 num total de 383 (trezentos e oitenta e três) entrevistados. Os mesmos foram orientados a se posicionarem próximos ao lugar de exposição das bananas (Na feiras, no setor das bananas e nos supermercados nas gôndolas de “hortifruti”). A partir da proximidade dos consumidores, os quais se dirigiam para escolher as bananas, os entrevistadores explicaram o motivo da pesquisa e os convidaram para participar da pesquisa.

As entrevistas foram conduzidas em nove locais de compra diferentes, sendo três em feiras: do Produtor, São Francisco e Garimpeiro e em seis supermercados, sendo dois

localizados na área central da cidade e quatro em área periférica. Também foram escolhidos três dias da semana para a entrevista: sexta-feira, sábado e domingo. Os dados obtidos nos questionários foram analisados com base em tabelas de frequência, utilizando o software Sphinx Plus indicado para pesquisas de mercado apresentando os seguintes resultados:

A maioria dos entrevistados (98,7%) declarou que gosta de banana, indicando que esta fruta é bem aceita pela população local. Em outra abordagem, 76% consideram que o aspecto do fruto é a coisa mais importante no momento da compra, sendo que o segundo motivo mais votado foi o preço, com 8,4%. A variedade mais preferida pelos consumidores foi a maçã, com 46% e a prata com 41%, enquanto que 71,3% dos consumidores preferem comprar frutos maduros e 26,9% compra “de vez”. Os frutos de tamanho médio são os preferidos, com 48,8% e grandes com 35,8%. A cor da banana foi citada em 75,7% dos casos como um fator importante na compra dos frutos. As feiras foram citadas por 81,2% dos entrevistados, como o local preferido de compra de banana, sendo que o supermercado atingiu 14,6% da preferência. O melhor preço (47,5%) e a diversificação (25,6%) foram os fatores apontados como justificativa pela escolha da feira. A compra em forma de cacho é a preferida, com 71,3% dos consumidores, sendo que 24,8% declara que prefere comprar em quilo. Enquanto que 62,9% dos entrevistados afirma que se o preço da banana diminuísse, o seu consumo aumentaria, por outro lado, 52,2% declara que se o preço aumentasse, diminuiria o consumo, enquanto que 35,2% dos entrevistados declara que comprariam a mesma quantidade, caso o preço aumentasse.

Ao serem questionados sobre que fruta substituiria a banana, o mamão foi o mais preferido, com 23,2%, seguida pela laranja com 15,4% e a melancia, com 14,4%. Ao serem perguntados se a renda familiar diminuísse, o que aconteceria com o consumo de banana, 61,4% declarou que compraria menos banana, entretanto, em caso de aumento de renda familiar, 46,2% dos entrevistados relatou que compraria a mesma quantidade de banana e 45,2% acrescentaria outras frutas, sendo a maçã a mais preferida, com 25,6% da preferência, seguida do mamão, com 17,8%.

Ao serem indagados sobre quais circunstâncias estariam dispostos a pagar mais para comprar bananas, 39,2% pagaria mais para ter melhor sabor, enquanto que 29,5% paga mais para ter uma aparência melhor do fruto. A forma de consumo mais preferida foi a in natura, com 56,1% da preferência, seguido pela vitamina, com 36,8%. Com relação à frequência de compra de banana, 73,9% dos entrevistados relata que compra bananas uma vez por semana, e 10,7% relata que a frequência de compras é quinzenal. O horário

preferido para consumo de banana é no almoço, com 52,5% dos entrevistados, seguido pelo lanche (30%) e café da manhã (15,7%). Da mesma forma ao serem indagados se sabiam diferenciar as variedades de banana, 56,9% responde que sim, e as formas mais citadas para diferenciar é pela aparência da casca (38,6%), pela forma (37,3%) e pela cor (14,9%).

Quanto ao perfil dos entrevistados, 59,3% dos entrevistados é do sexo feminino, e 49,9% tem o segundo grau completo. 66,1% tem um aparelho de televisão em casa, 83,6% tem um rádio, 72,6% um banheiro em casa, 94,4% não tem aspirador de pó, 73,5% tem máquina de lavar, 76,5% não tem empregada.

MERCADO DE MANAUS

Visando atingir os objetivos propostos do projeto, a equipe técnica deslocou-se até a cidade de Manaus, em dois períodos distintos. O primeiro se deu no período de 14 à 18/07/03, em época de entressafra em Manaus, e o segundo realizado de 14 à 18/03/05, desta feita em época de safra. Os trabalhos tiveram uma duração de oito dias (três na primeira viagem e cinco na última) foram visitadas feiras, supermercados e hipermercados, além dos principais órgãos que executam ações ligadas a atividade da bananicultura, entrevistando técnicos e representantes das Instituições, feirantes, gerentes de supermercados, hipermercados e cooperativas de produtores. Para apresentação do projeto e andamento das atividades foi realizada uma reunião interinstitucional, da qual participaram diversas entidades representativas do segmento, do Estado do Amazonas tendo como articulador a Embrapa Amazônia Ocidental e como anfitrião a Secretaria de Produção do Estado do Amazonas (SEPRO), a qual cedeu seu auditório. O referido evento propiciou troca de informações referente a conjuntura da produção e mercado da banana dos dois estados, com ênfase na importância da relação entre produtores e consumidores visando o equilíbrio e satisfação de todos.

As seguintes entidades foram visitadas: Sebrae Amazonas, Embrapa Amazônia Ocidental, IDAM (Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas), CODESAV (Comissão Executiva de Defesa Sanitária Animal e Vegetal do estado do Amazonas), Balcão de Agronegócios, SEMAF (Secretaria Municipal de Abastecimento, Mercados e Feiras) e a COOAPI (Cooperativa Agropecuária de Produtores do Município de Iranduba), além do município de Rio Preto da Eva, que na oportunidade foi mantido contato com o técnico responsável pelo escritório local do IDAM e produtores de banana da região. As feiras visitadas foram: Manaus Moderna, Panair, Feira da Banana e Feira do Produtor, sendo entrevistados feirantes e também os gerentes de compras das três maiores redes de supermercados de Manaus: DB, Carrefour e Roma.

O consumo *per capita* médio de banana no Amazonas é de 60kg/hab/ano (SEBRAE Amazonas), chegando à 72kg na capital (EMBRAPA AMAZÔNIA OCIDENTAL). O consumo médio nacional de banana é de 24,4kg/hab/ano. O Sebrae estima que são consumidos, anualmente, 41.700t/ano de banana em Manaus.

Foram importadas de Roraima no período de fevereiro a dezembro de 2002, 8.122,3 Toneladas de banana, oriunda principalmente dos municípios de Caroebe e Rorainópolis.

A maior oferta do produto roraimense se dá entre os meses de agosto a dezembro, com um pico entre outubro e novembro (CODESAV).

A aceitação da banana de Roraima tem a preferência em função da variedade Prata que é a mais demandada pelos consumidores amazonenses e pouco produzida no Estado. A comercialização efetuada no período de janeiro a dezembro de 2004 foi de 12.187,87t oriunda, na sua maioria, dos municípios de Caroebe e Rorainópolis.

As bananas comercializadas nas feiras de Manaus tem origem além de Roraima, dos estados do Acre, Pará, Rondônia e do interior do Amazonas. A oferta de banana destes estados (Acre, Pará e Rondônia) se dá unicamente quando há queda de oferta da banana roraimense. As bananas comercializadas do Estado do Amazonas, em sua grande maioria, principalmente as cv. resistentes, são produzidas nos municípios de Rio Preto da Eva e Presidente Figueiredo, pois a variedade Prata foi eliminada dos plantios amazonenses devido à Sigatoka Negra, que dizimou seus plantios nos últimos anos. Estima-se uma área plantada das variedades resistentes na ordem de 950ha e 300ha em implantação (técnico IDAM, COOAPI e CAMPO). Outra variedade produzida é a pacovan (plátano) mais conhecida como “banana de fritar”, onde 90% da variedade é produzida nos municípios localizados na calha do Rio Madeira (FEIRANTES).

Levantamento de dados de campo, confirmado pelos setores de controle de entrada de produtos no Amazonas, apontam que 70% da banana comercializada nas feiras de Manaus é oriunda de Roraima (no período de alta oferta) e 40% no período de baixa oferta. O principal ponto de recepção da banana roraimense é a Feira da Banana, onde, de um total de 80 feirantes, aproximadamente 8 compram as bananas diretamente de Roraima e os revendem para os outros feirantes localizados na própria feira, para feirantes de outras feiras, para supermercados, para quitandeiros, e para pessoas que comercializam as bananas na rua em carrinhos de mão, comércio este muito popular em Manaus. (FEIRANTES)

São descarregados na Feira da Banana (Manaus), em média, 15 caminhões no período de baixa (entressafra Roraima) e 50 caminhões no período de alta, por semana, ou seja, aproximadamente 100.000 cachos no período de Alta, onde cada caminhão transporta em média 2.000 cachos (5% ferrão- 100 cachos; 15% médio-300, 80% pinguelo-1600), podendo variar de 1200 a 3.000 cachos. Bananas advindas do Amazonas chegam a 50.000 – 60.000 cachos/semana, sendo a grande maioria da variedade Pacovan, seguida das variedades resistentes (Thap Maeo e Caipira) e algumas das variedades Prata e Maçã

(FEIRANTES). A comercialização da banana é feita mediante uma classificação do produto com 3 categorias:

1) Ferrão: cachos grandes, com frutos graúdos, cacho bem formado;

2) Média: cachos e frutos de tamanho medianos; 2 cachos médios equivalem à um cacho ferrão;

3) Pinguelo: cachos e frutos pequenos, 4 cachos pinguelo equivalem a um ferrão Os feirantes afirmam que pagam um preço maior pela banana de Roraima, em relação às bananas de outros estados, tendo em vista a maior aceitação da variedade prata no mercado amazonense. (FEIRANTES)

A logística de comercialização do produto é caracterizada pela figura de dois agentes (atravessador) que se relacionam da seguinte forma: Existe um agente (atravessador) no local da produção em Roraima (região Sul), o qual negocia a carga com o produtor recebendo de R\$ 0,40 – 0,50 /cacho, interagindo com o feirante na feira da banana em Manaus, informando o tamanho da carga classificada e o valor. O segundo atravessador (agente), que cumpre também o papel de feirante, repassa para outros feirantes de menor poder aquisitivo que não têm condições de comprar uma carga fechada. Existe ainda outra relação onde o mesmo (feirante/atravessador) financia a aquisição do produto para outros feirantes, neste caso o lucro é dividido na proporção de 50%. O frete cobrado pelo transporte da banana do lote do produtor em Roraima até a feira da banana em Manaus é de R\$ 1.200,00/carga.

No período de baixa oferta (março – agosto) os preços da banana, em média são os seguintes:

- R\$ 4,50 - 6,00/cacho classificado (prata e outras, exceção a pacovan), preço para o consumidor;
- R\$ 3,00 – 3,50/cacho classificado (preço pago para o produtor – incluindo a remuneração do intermediário regional: R\$ 0,40/cacho classificado)

No período de alta oferta (setembro – fevereiro) a média de preço é a seguinte:

- R\$ 2,50/cacho classificado (FEIRANTES)

Os preços praticados nas feiras de Manaus, em média, no período de Alta (setembro – Fevereiro) são os seguintes:

- Preço médio de compra (banana cv. Prata de Roraima): R\$ 6,00 por cacho classificado;
- Preço médio de repasse ao consumidor final (banana cv. Prata de Roraima):
R\$ 8,00 – R\$10,00;
- Preço médio de compra (banana cv. Pacovan Amazonas): R\$ 6,00 por cacho classificado;
- Preço médio de repasse ao consumidor final (banana cv. Pacovan Amazonas): R\$ 8,00;
- Preço médio de compra (banana cv. FHIA 18, Thap Maeo e Caipira - Amazonas): R\$ 6,00 por cacho classificado;
- Preço médio de repasse ao consumidor final (banana cv. FHIA 18, Thap Maeo e Caipira - Amazonas): R\$ 8,00;
- Preço médio de compra (banana Amazonas – cv. Maçã): R\$ 6,00 por cacho classificado;
- Preço médio de repasse ao consumidor final (banana Amazonas – cv Maçã):
R\$ 8,00;

Custo de comercialização da banana (Roraima – Feira AM) está formado da seguinte maneira:

*0Frete: R\$ 1.200,00;

*1Descarga: 6 homens x R\$ 20,00 (cada) = R\$ 120,00;

*2Trato para limpar (operar) a banana: 4 homens x R\$ 20,00 (cada) = R\$ 80,00;

*3Preço médio pago ao produtor na lavoura por cacho R\$ 2,50 (2,50 x 1.200cachos = R\$ 3.000,00)

Custo médio final da Banana de Roraima: R\$ 3,67 por cacho

P.S.: Levou-se como base para os cálculos uma carga com 1.200 cachos classificados.

Além da Pacovan, atualmente as variedades de banana mais plantadas no estado do Amazonas são a Thap Maeo, Caipira, Prata Zulu e FHIA-18 (todas resistentes a sigatoka

negra), as quais foram substituídas pelas variedades susceptíveis, mediante programa de incentivo promovido pelo governo do estado e executado pelo Instituto de Desenvolvimento da Amazônia (IDAM). Desde 1999, quando iniciou o programa de erradicação da Sigatoka Negra foram distribuídas 1 milhão e 600 mil mudas (CAMPO). Além desse incentivo o Governo do Estado do Amazonas tem custeado 85% do valor do calcário. O custo final entregue na propriedade chega a R\$ 180,00 com PRNT de 85%. O produto é adquirido do Estado do Ceará e transportado em Container fechado com 28 Toneladas.

Algumas iniciativas de conquistas de outros mercados, além das feiras, têm tido algum sucesso pelos produtores que cultivam as variedades resistentes (Thap Maeo, Caipira e Fhia 18). Esses mercados começaram a ser conquistados a partir da organização de um grupo de produtores localizados no município de Iranduba – AM, através da criação de uma associação que recentemente foi transformada em cooperativa (COOAPI), com o objetivo de organizar a comercialização dessas variedades, as quais estavam se perdendo por falta de comprador. Inicialmente houve a conquista das redes de supermercados, em especial uma das principais de Manaus, que hoje comercializa 100% das bananas em suas lojas, oriundas da cooperativa, exigindo da mesma a seguinte padronização do produto: climatização e embalagem em caixa de papelão (15 kg) e um selo fornecido pela empresa chamado de GO (garantia de origem). Recentemente foi firmado contrato de venda com a SEDUC (Secretaria de Estado da Educação de Manaus), além também das Secretarias de Educação dos municípios de Rio Preto da Eva e Iranduba, todas para incremento da merenda escolar. Estava em negociação a venda para o governo federal através do Programa Federal FOME ZERO. Outro mercado promissor que está no alvo desses produtores é as cozinhas industriais estabelecidas no Distrito Industrial de Manaus. A cooperativa paga R\$ 0,55/kg ao produtor. A mesma tem investido em novas técnicas para absorver a produção e abrir novos mercados, tais como: mingau de banana, banana passa, tortas e doces, além de desenvolverem projeto para implantação de um centro de recepção da banana em Manaus com assistência técnica efetiva e financiamento. Há um desconto de cerca de 26,5% de taxa administrativa pelas operações e taxas bancárias, para os cooperados e cerca de 31,5% para os não cooperados.

No período de baixa oferta da banana, com um total de 13 lojas, sendo 6 hipermercados, o DB comercializa, semanalmente, e em média, 20t/semana de banana, paga 0,70 – 1,20/kg ao produtor, e comercializa a R\$ 2,00/kg. O Carrefour com 3 lojas, sendo 1 hipermercado, comercializa, em média, 5t/semana, paga R\$ 0,75 – 1,20/kg. O Carrefour só compra

banana de fornecedores regionais, enquanto que o DB além de fornecedores regionais compra variedades do Nordeste.

No período de Alta o DB comercializa, semanalmente, e em média, 15 - 20t/semana de banana, paga R\$ 0,75 (promoção) e R\$ 1,20/kg (média). O Carrefour comercializa, em média, 6t/semana, paga R\$ 0,78 – 1,49/kg. As taxas cobradas pelo Carrefour são:

11,5% - Bonificação nacional

5% - Bonificação regional

1,5% - Taxa administrativa (banco)

Total : 16,5%

P.S.: Toda banana que é comprada pelas duas redes são adquiridas da região.

Foi entrevistada também outra rede de supermercado, chamada de Roma que pratica preços diferenciados em virtude de sua clientela selecionada. Os preços e quantidades comercializadas são:

Quantidades: 450 kg (prata), 60 kg (maçã), 80 kg (pacovan), 60 kg (prata - DF)

Preços: R\$ 2,64 por kilo (banana regional prata), R\$ 6,55 (banana maçã), R\$ 6,56 (banana pacovan) e R\$ 13,29 (banana prata-DF).

MERCADO LOCAL

Os desafios que hoje se apresentam às organizações públicas e privadas impõem a elas a necessidade de desenvolver mecanismos dinâmicos de informação para o mercado da banana, pela importância que esta cultura tem para o Estado de Roraima, sendo a principal frutífera cultivada e revestindo-se inclusive em base alimentar de uma parcela da população. Essa estratégia de informação lhes permitiu compreender a complexidade das mudanças que estão ocorrendo no âmbito político, econômico, tecnológico, etc. e os impactos que elas geram na agricultura familiar. O mercado de Boa Vista não está imune a necessidades de tais informações e mudanças. Por essa razão é que o projeto AGROBARR, empreendeu o estudo do mercado intermediário da banana em Boa Vista, o qual é capaz de gerar base de informações para referenciar as políticas públicas e o planejamento das organizações públicas e privadas que atuam no agronegócio roraimense.

O estudo abrangeu o principal centro de distribuição e venda de banana em Boa Vista, a Feira do produtor. As Feiras do São Francisco, Passarão, Buritis e Garimpeiro. Assim como, o Mercado Público Municipal do São Vicente. E é capaz de gerar base de informações para referenciar as políticas públicas e o planejamento das organizações públicas e privadas que atuam no agronegócio roraimense.

A Feira do Produtor é uma estrutura ligada diretamente ao Governo Estadual, sob a supervisão da SEAPA (Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) administrado pelo Departamento de Abastecimento e Preços. A mesma foi criada no início da década de 90 com intuito de agregar e dar vazão à produção da agricultura familiar no estado, funcionando, a princípio, atrás do antigo Parque de Exposições, situado à rua Santos Dumont. A sua estrutura física, como conhecemos hoje, foi concluída em 1994; e a mesma continuou com o objetivo institucional de incluir os agricultores familiares oriundos de todas as regiões do Estado no agronegócio, com demonstração e venda de seus produtos, possibilitando o aumento da produção e agregação de valor.

A estimativa de movimento em negócios girou em torno de 1 milhão de reais no ano de 1994, distribuída entre os 50 agricultores feirantes (AQUILES, 2005)¹. Consolidado o comércio de produtos hortifrutigranjeiros tendo a banana como seu principal produto de comercialização, isto trouxe um grande reflexo positivo na ótica econômica, a ponto do

1. AQUILES, N. (Administradora da Feira do Produtor de Boa Vista). Comunicação Pessoal, 2005.

governo estadual investir maciçamente na abertura, recuperação e construção de pontes e estradas para escoamento da produção.

Toda esta diversificação de oferta colocou a feira do produtor como sendo aquela de maior variedade de produtos agrícolas do Estado. Devido à falta de um processo intermediário de acompanhamento, como assistência técnica, capacitação, fortalecimento do capital social e profissionalização dos agricultores por parte do governo, os agricultores feirantes aos poucos foram perdendo espaço na feira para um seguimento oportunista, capitalizado e especializado em comércio com forte poder político denominado de “Intermediário ou atravessador”, objeto do nosso estudo dentro da cadeia produtiva da Banana .

O presente estudo elegeu uma abordagem metodológica bastante simples, que combina o uso intensivo de informações de fontes secundárias com a realização de entrevistas, por processo de amostragem intencional. O estudo enfocou a feira do produtor com maior centro de venda de banana do Estado e as informações foram buscadas junto a instituições de pesquisa, órgãos governamentais e outras fontes tradicionalmente detentoras de dados e análises sobre o mercado intermediário de Boa Vista. O pré-diagnóstico permitiu uma visão inicial do desempenho dos “atores-chave”, e das áreas e temas para as quais tornou-se necessária a busca de informações adicionais. Antes de proceder a análise do mercado intermediário de banana em Boa Vista, há que se tecer alguns comentários situacionais e conceituais de mercado e comercialização, para que se possa entender melhor.

O mercado e a comercialização se desenvolvem em torno dos fatos econômicos, de produção, consumo e trocas, procurando distribuir os recursos escassos entre finalidade alternativa com objetivo de satisfazer as necessidades humanas. Sendo o mercado conjunto de todos os possíveis compradores, onde quer que exista um potencial para o comércio, existe um mercado e o seu tamanho depende do número de pessoas que possuem interesse no produto e disposição para oferecer os recursos disponíveis exigidos.

O sistema de comercialização é constituído por instituições de mercado: produtor, intermediário, atravessador, atacadistas, varejistas, associações e/ou cooperativas de produtores e consumidor. No universo do setor intermediário existem 6 tipos de agentes importantes, do quais destacamos 02 de interesse do nosso estudo: agente intermediário e o atravessador.

Qual a diferença entre o agente intermediário e o atravessador? O Agente intermediário é uma categoria que trabalha para terceiros, por meio de comissão ou corretagem, em

quanto que o atravessador é o elemento que compra mercadoria, não adiciona nenhum serviço e tem um lucro especulativo. A feira do produtor de Boa Vista é o maior centro de distribuição e venda de banana do estado, com volume de venda semanal na ordem de de 9.000 cachos ou cerca de 90 T. Construída para atender a agricultura familiar no escoamento de sua produção, estes produtores aos poucos foram perdendo espaço para uma categoria estruturada e capitalizada, o “atravessador”. Dos 35 vendedores de banana apenas 10 são produtores.

O Município do Caroebe é o maior produtor de banana do estado, no entanto, não é o principal fornecedor da feira, perdendo para os municípios de Mucajaí e Iracema, mais precisamente na região do Apiaú e Campos Novos. A banana é um dos poucos produtos agrícolas que não tem crise de abastecimento no Estado de Roraima, pois atualmente a produção é distribuída durante o ano todo, apresentando algumas elevações, outubro a dezembro, decorrentes das condições climáticas e da entrada e saída de produção dos diferentes municípios produtores. Por não possuir entressafra pronunciada, o comportamento dos preços deveria ser o mais próximo possível da estabilidade, chegando a R\$ 1,50/cacho, preço recebido pelo produtor e R\$ 4,00/cacho ao consumidor no pico da safra e na baixa produção, fevereiro a junho, o preço recebido pelo produtor alcança R\$ 2,50/cacho e ao consumidor gira entorno de R\$ 6,00/cacho a banana prata.

Um outro aspecto de relevância para o baixo preço obtido pelo produtor, além da especulação pelo atravessador e baixa qualidade do produto, é que quando há uma saturação do mercado de Manaus-AM, parte da produção da região sul vem para a feira do produtor, aumentando a oferta e pressionando o preço do produto para baixo. O preço do transporte varia conforme a procedência. A carga originária da região de Campos Novos (Município de Iracema) tem um frete no valor de cerca R\$ 300,00, enquanto que da região sul do Estado o frete fica entorno de R\$ 700,00.

No sistema de comercialização da feira do produtor há um índice de perda de banana de 10%. Hoje em dia essa perda de produto só não vai parar no lixo pela adoção do programa “Mesa Brasil” (SESC), que o aproveita em grande parte, fornecendo-o como alimento a instituições filantrópicas cadastradas (creches, albergues asilos, etc.). Assim, a perda final cai a índices próximos de 0%.

Devido ao grande volume de banana negociada na feira, a mesma se tornou o maior centro de distribuição da capital, fornecendo para outras feiras, quitandas e alguns supermercados de pequeno e médio porte, assim assumindo também a função de entreposto(vide desenho esquemático abaixo).

REFERÊNCIAS:

BARROS, E. M. DE; PIZZOL, S. J. S. de; Comércio Internacional de Banana. Disponível em: <<http://pa.esalq.usp.br/frut0501.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2003

FAMATO - FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO ESTADO DO MATO GROSSO. **Banana foi a segunda fruta mais produzida no mundo em 2002**. Disponível em: <<http://www.famato.org.br>>. Acesso em : 02 jun. 2003

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Estudo sobre o mercado de frutas: Banana**. Disponível em: < <http://www.agricultura.gov.br>>. Acesso em: 04 jun. 2003

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Evolução do mercado mundial de frutas: Banana**. Disponível em: < <http://www.agricultura.gov.br>>. Acesso em: 04 jun 2003

SOUZA, A. T. DE. **Aspectos Econômicos da cultura da banana**. Disponível em: <<http://www.icepa.com.br/agroindicadores/opinião/analisebanana.htm>>. Acesso em: 02 jun. 2003

AGRIANUAL - ANUÁRIO DA AGRICULTURA BRASILEIRA 2002. **Mercado & Perspectiva. Banana: Melhor remuneração é privilégio de quem tem qualidade**. p. 182-18.

BARROS, E. M.; PIZZOL, S. J. S. de. **Comércio Internacional de Banana**. Disponível em: <<http://pa.esalq.usp.br/frut.0501.pdf>>. Acesso em: 04 de jun. 2003

CORDEIRO, Z. J. M. **Introdução**. Banana. Produção: aspectos técnicos. EMBRAPA – Brasília. 2000. p. 9.

DANTAS, J. L. L; SOARES FILHO, W. dos S. Classificação botânica, origem e evolução. In: ALVES, E.S. et al. **Banana para exportação**: aspectos técnicos da produção. Brasília: EMBRAPA – SPI, 1995. 106p. (Série Publicação técnica FRUPEX).

FAMATO - FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO ESTADO DE MATO GROSSO. **Banana foi a segunda fruta mais produzida no mundo em 2002**. Abr. 2003. Disponível em: <<http://www.famato.org.br>>. Acesso em: 02 de jun. 2003.

FAMATO - FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO ESTADO DE MATO GROSSO. **Banana brasileira ganha mercado externo**. Abr. 2003. Disponível em: <<http://www.famato.org.br>>. Acesso em: 02 de jun. 2003.

INSTITUTO CEPA – SANTA CATARINA. SOUZA, A. T. DE. **Banana – Será a maior e melhor safra de bananas no País**. Jul. 2001. Disponível em: <http://www.icepa.rct-sc.br/imprensa/noticias_2002/imp_r1206a.htm>. Acesso em: 02 de jun. 2003.

INSTITUTO CEPA – SANTA CATARINA. SOUZA, A. T. DE. **Banana – Aumenta a produção nacional em 2002**. Jul. 2001. Disponível em: <http://www.icepa.rct-sc.br/imprensa/noticias_2002/imp_r3007b.htm>. Acesso em: 03 de jun. 2003.

INSTITUTO CEPA – SANTA CATARINA. SOUZA, A. T. DE. **Consumo de banana deverá chegar a 3.400.000 toneladas em 2005**. Jul. 2001. Disponível em: <http://www.icepa.rct-sc.br/imprensa/noticias_2002/imp_r2706a.htm>. Acesso em: 03 de jun. 2003.

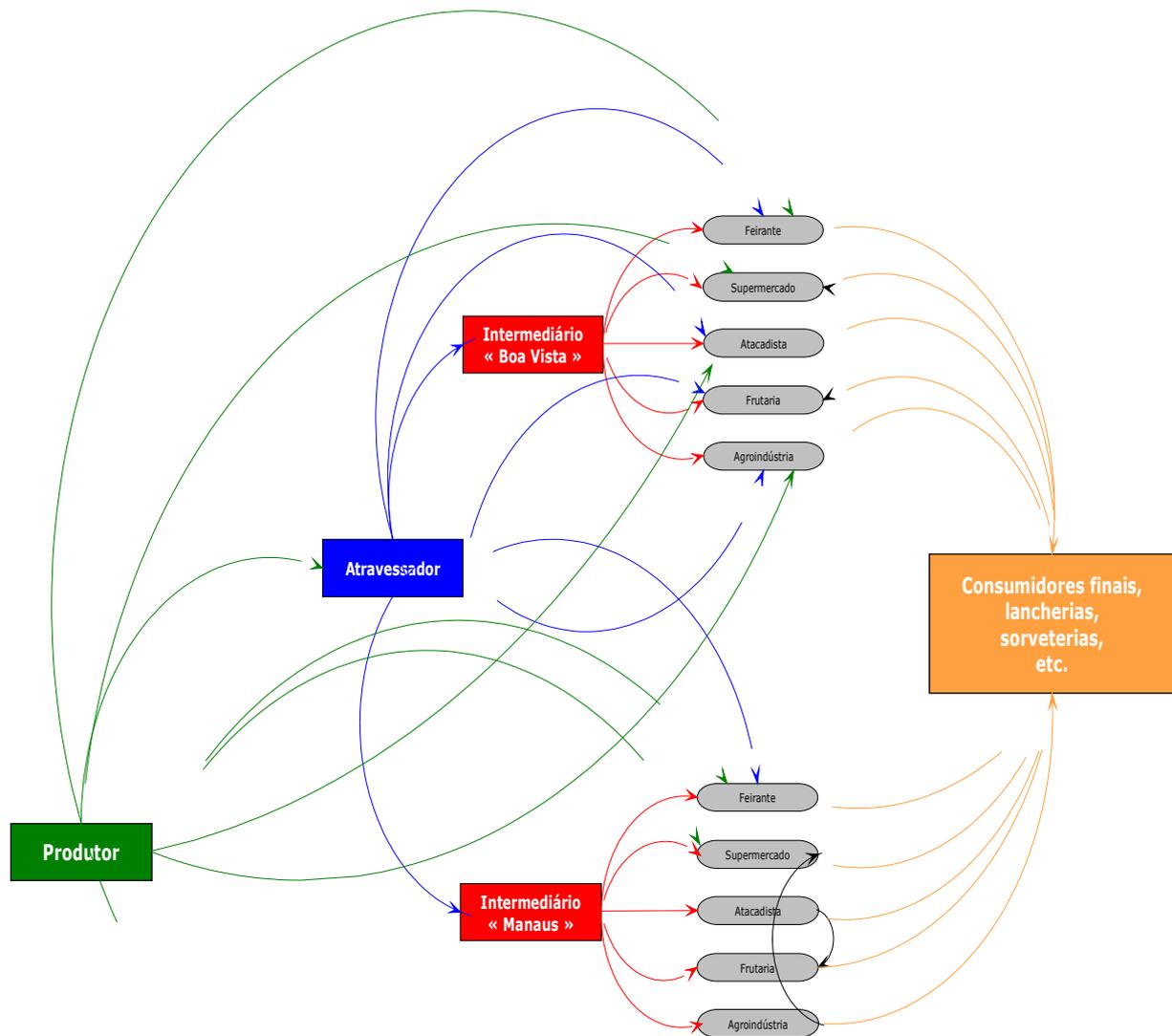
MASCARENHAS, G. C. C. Banana: comercialização e mercados. In: **Informe Agropecuário**. v.20, n.196, p. 97-108. jan/fev. 1999

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Exportações brasileiras de frutas**. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br>. Acesso em: 11 de jun.2003.

ZONETTI, A. DA C. et al. Análise de custo de produção e lucratividade de bananeira “nanição jangada” sob duas densidades de cultivo em ilha solteira – São Paulo. **Revista Brasileira de Fruticultura**, Jaboticabal – SP, v.24, n.2, p.406-410, agosto 2002.

ANEXOS

FLUXOGRAMA DA CADEIA PRODUTIVA



REGISTRO FOTOGRÁFICO

Fotos: Admar Bezerra Alves



Feira do Produtor em Boa Vista-RR.



1º Wolkshop da Banana em Boa Vista-RR.



Artesanato - Banana



Plantio de Banana – Agricultura Familiar



Cultivar Prata – Preferência pelo consumidor e produtor.



Cultivar resistente a doenças – Pouca demanda.



Comercialização: segmento supermercado.



Comercialização: feiras.

Embrapa

Roraima

Apoio



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA,
PECUÁRIA E ABASTECIMENTO

